

Em Taguatinga, um exemplo

Antigo Hpap, um manicômio comum, passa por reforma e se humaniza

Pacientes são tratados e têm autonomia para cuidar da vida

Antônio, Maria e a Guia, Marcelo, Vera. Até pouco tempo, eles não se conheciam. Hoje, convivem diariamente no Hospital São Vicente de Paula (HSVP), em Taguatinga. São usuários de serviços de saúde mental. Passam o dia entre oficinas, atividades esportivas, reuniões psicoterápicas, consultas. São cidadãos em tratamento, buscando o que a baiana Cátia Régila, 25 anos, ex-usuária do HSVP, já encontrou: a autonomia para cuidar de sua vida com independência e equilíbrio.

Cátia chegou à instituição de Taguatinga em crise. Havia estado internada num manicômio em Itabuna. "Era um ambiente fechado, em que a gente via a família só de 15 em 15 dias. Era muito triste". Constatado o sofrimento agudo pela



equipe do HSVP, Cátia foi internada na emergência. Lá, ficou por dois meses. Recebeu alta e passou a ser atendida no Hospital-Dia do São Vicente. Foram mais três meses de luta e ela conquistou alta. Hoje, recebe atendimento semanal, procura vaga nas escolas públicas para concluir o segundo grau e pretende arrumar um emprego de secretária, onde possa aplicar sua habilidade em digitação.

O HSVP é uma das poucas instituições do Distrito Federal que mantêm um atendimento diferenciado ao paciente em sofrimento intenso. No entanto, isso não foi sempre assim. O HSVP já foi o Hospital de Pronto Atendimento Psiquiátrico (Hpap). Nessa época, a emergência, por onde Cátia passou mais tarde, era toda fechada. Tinha as portas trancadas. O hospital mantinha grades e cercas em toda a sua volta e o serviço em saúde mental oferecido refletia a arquitetura do local: o Hpap era um manicômio tradicional, com pronto-socorro, ala de internação e ambulatório.

Transformação

A mudança, que mais tarde resultou na melhora de Cátia, foi iniciada pela própria equipe do hospital. Em 1993, um grupo de profissionais, que envolvia médicos psiquiatras, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, auxiliares de enfermagem e assistentes sociais, passou a discutir as possibilidades de uma reforma psiquiátrica interna.

"Ao contrário do que ocor-



CÁTIA, 25 anos, ex-paciente do Hospital São Vicente, sonha com emprego de secretária

reu em outras instituições, trabalhamos para que as mudanças surgissem de dentro para fora e se expandissem", conta a psicóloga Denise do Nascimento Percilio. Surgiu, então, o Hospital-Dia, com poucos técnicos, para atender um número limitado de usuários. Nesse período, o Hospital-Dia dava suporte aos demais setores do São Vicente e atendia o usuário que já havia passado pela crise e se encontrava estável, buscando a sua ressocialização e reabilitação psicossocial.

De lá para cá, muita coisa mudou. Hoje, o Hospital-Dia não é mais um suporte de ou-

tros serviços e está capacitado para atender pacientes em crise. Uma outra porta de entrada foi criada no HSVP. O usuário não chega mais, necessariamente, pelo pronto-socorro ao HSVP, mas pela sala de acolhimento. Nesse local, a equipe está preparada para escutar o usuário, conhecer o seu sofrimento e então encaminhá-lo, seja para a internação, seja para uma atendimento psicoterápico.

"Descobrimos, a partir daí, que 70% a 80% da demanda que chegava ao pronto socorro não eram específicos de pronto-socorro. Isso reduziu sensivelmente as internações psi-

quiátricas. Vale destacar que o usuário não é triado na sala de acolhimento, mas, realmente, acolhido", comenta a psicóloga. Denise ressalta ainda, que essa sala não oferece um serviço médico. Na verdade, são enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas, auxiliares de enfermagem que foram preparados para receber o usuário.

Serviço - Hospital São Vicente de Paula (emergência): fone 352.5664

MALU MATTOS

Repórter do Jornal de Brasília